

066

A TÉCNICA DE PRODUÇÃO DE VÍDEOS E A LINGUAGEM JORNALÍSTICA¹

Giselle Aparecida Piragis²
Katia Regina Pichelli³

RESUMO

A comunicação audiovisual possui uma grande capacidade de formação cultural e ideológica. O uso da televisão como método de educação a torna um importante instrumento de transferência de tecnologia para a *Embrapa Florestas*. As técnicas jornalísticas de produção de vídeos são fundamentais para que o conteúdo seja integralmente compreensível ao telespectador. Esta dinâmica pertence a um processo minucioso e integrado que deve ser respeitado para o sucesso do trabalho. A reunião objetiva destes métodos busca contribuir para a estruturação prática do processo de produção de vídeos na *Embrapa Florestas*.

DESENVOLVIMENTO

A absorção pelo conceito

Televisão, quanto instrumento de comunicação, seja por programas ou vídeos, é a decodificação do real em informação audiovisual. Este processo não se limita à difusão do saber científico, ele é responsável pela formação “ética social imediata” na sociedade pós-moderna (Muniz Sodré, 2003). Ou seja, é o agente que possibilita o relacionamento entre indivíduos, e entre indivíduos e o Estado, por meio do *reconhecimento*, ou *cultura*. (Hegel, citado por Muniz Sodré, 2003). É a *cultura* que forma a representação do indivíduo e o remete a lei coletiva (ética) da sociedade (grupo) que ele habita. A imagem age na estrutura psíquica e nos modos de percepção do indivíduo contemporâneo. A saturação informacional do meio ambiente, devido à organização tecnoburocrática e crescente tecnologia eletrônica, resulta na aplicação instantânea da *cultura* (Sodré, 2003).

A televisão como meio de comunicação de massa não pode ser mostrada como um mero esquema de transmissão de imagens, mas como a ponta de um sistema complexo, articulado pelas partes de uma economia de mercado. É a tecnologia avançada que move a sociedade industrial do Ocidente (Sodré, 2003). Na produção de vídeos, a televisão pode usar este potencial de manipulação para a educação. A tendência ao isolamento vivenciada na sociedade contemporânea pelas pessoas favorece à imersão neste sistema formador de opinião (Sodré, 2003).

A absorção pela descoberta

Cada vez mais a ciência tem avançado nos estudos que revelam os mistérios sobre as dinâmicas cerebrais. Seja sobre o processo celular de transmissão de estímulos visuais até o córtex cerebral, seja no que diz respeito à especialização funcional integrada dos dois hemisférios cerebrais. Estas duas linhas de pesquisas, desenvolvidas pelos neurologistas Roger W. Sperry, David H. Hubel e Torseten N. Wiesel, foram premiadas pela Fundação Nobel, em 1981. As teorias

¹ Trabalho desenvolvido na *Embrapa Florestas*

² Estudante de Comunicação Social - habilitação em Jornalismo, da Universidade Tuiuti do Paraná

³ Jornalista da *Embrapa Florestas*

mostram o papel dos dois hemisférios cerebrais na elaboração do pensamento humano e na configuração do comportamento (Joan Ferrés, 1996).

O hemisfério esquerdo, que controla o lado direito do corpo, comanda funções relacionadas à linguagem e à abstração. É neste hemisfério que são realizadas as sínteses, análises e a compreensão das seqüências. Neste hemisfério possui maior sensibilidade ao visual, por isto, ocorre o desenvolvimento linear, lógico e racional do pensamento. Dependem deste hemisfério a leitura, escrita, cálculo, aritmética e classificação (Joan Ferrés, 1996).

No hemisfério direito, ou secundário, referente ao lado esquerdo do corpo, há o controle de funções relacionadas ao repouso, ao espiritual, ao acolhimento, a emoção, intuitivo, criativo e sintético. Este hemisfério rege o reconhecimento imediato dos rostos, a distinção e o reconhecimento das formas e dos sons e reconstrução mental de conjuntos a partir de suas partes. Em geral, comanda as funções espaciais não-verbais, apesar da maior sensibilidade ser para o acústico. Controla as dimensões artísticas, simbólicas, holísticas, espaciais e musicais (Joan Ferrés, 1996).

O hemisfério direito trabalha com a informação global, concreta e emocional da realidade. O hemisfério esquerdo trabalha o pensamento analítico e a lógica formal. A civilização grega e o império greco-romano foram os responsáveis pela supremacia do hemisfério esquerdo, pois foram eles que desenvolveram a escrita e o raciocínio lógico. McLuhan acredita que esta é a primeira vez em 2400 anos que volta a predominar o hemisfério direito, devido aos meios de comunicação de massa da era eletrônica. Ainda segundo McLuhan “os meios de comunicação, transformando o ambiente, fazem surgir em nós relações únicas de percepção sensorial”. (Joan Ferrés, 1996). Quando aprendemos sobre determinado assunto, de forma que passamos a ser capazes de transmitir a informação, os objetivos da comunicação foram atingidos. Formou uma nova cultura, mesmo que tenha havido apenas uma expansão do conhecimento que já existia. Por exemplo, quando um vídeo de educação tem os objetivos de convencer sobre a importância de preservar o meio ambiente, o trabalho só será atingido os objetivos se forem capazes de formar nos telespectadores a consciência ambiental, de tal forma que ele sinta-se a vontade para explicar isto à outras pessoas, mesmo que não o faça.

A linguagem específica

Segundo o diretor russo Serguei M. Eisenstein (Eisenstein, citado por Joan Ferrés, 1996), “o cinema opera da imagem à emoção e da emoção à idéia”. Para Joan Ferrés, “expressar-se audiovisualmente significa comunicar as intenções no mesmo instante em que as emoções são suscitadas” (Ferrés, 1996). Seja no cinema ou nem um vídeo de educação, a linguagem usada para o meio de comunicação TV pretendem o mesmo objetivo. Numa conclusão estruturada nos aspectos abordados até o momento, comunicação audiovisual é a implantação de uma *cultura* pela estimulação da emoção.

A linguagem audiovisual é persuasiva e mobiliza alguns dos sentidos humanos. A lingüística explica que o signo, ou palavra, possui dupla face. O significante e o significado. O significante é o aspecto concreto do signo, a realidade material. O que constitui o significante é o conjunto sonoro, fônico, que o torna audível ou legível. O significado é o conceito imaterial. O que imaginamos ao ouvir o signo (Citelli, 2002).

Quando ouvimos a palavra maçã, por exemplo, logo imaginamos uma maçã. A palavra literária é o signo, o que ela representa quanto conjunto sonoro e o aspecto concreto, é o significante. O significado é a imagem que construímos mentalmente de uma maçã (Citelli, 2002).

A relação entre a oralidade e visão começa na consideração de que no ato de percepção o olho não se limita a ver. Ele se envolve e apalpa as coisas, sente a textura, movimentam-se entre objetos antes mesmo de se conscientizar sobre o que são. Muniz Sodré diz que “ver é também tocar, absorver”. O romancista Georges Perec, em *Choses*, ao descrever o passeio de duas personagens à noite diz que elas “lambiam as vitrinas” (Sodré, 2003).

Zaratustra disse certa vez: “Ah, se eu fosse sombrio e noturno! Como eu sobreviveria no seio da luz!” Esta *maternidade* da luz é explicada pela teoria da psicanálise de Freud que diz que a luz exerce um fascínio sobre a mente humana. Por isto a televisão atrai nossa atenção e determina tão facilmente o que devemos considerar prazeroso. “A própria fascinação da luz, que não é de natureza apenas visual, mas também *oral*, segundo o significado que a teoria freudiana atribui a essa palavra: frase inaugural da libido, em que o prazer se associa, na atividade da

alimentação, à cavidade bucal e aos lábios. É a fase que marca a relação de amor com a mãe”, explica Muniz Sodré. Essa *maternalidade* da luz, propiciadora de relações de amor, era conhecida dos planejadores da propaganda nazista (Sodré, 2003).

A linguagem de televisão é formada por elementos técnicos de produção, visuais e persuasivos. No entanto, só é eficiente se houver a fusão de todos eles, sendo que, cada um deve ser trabalhado individualmente e de forma intensa, independente do trabalho que esteja sendo realizado. Em televisão, como instrumento de comunicação, todos os elementos têm que transmitir uma informação previamente planejada. Não há espaço para um conteúdo incompleto, ou “vazio”. Caso isto ocorra a história não ficará “amarrada” e a informação não vai prender a atenção do espectador (Ferrés, 1996). Não basta escrever “Bandeira do Brasil” em um pano branco e sair movendo-o ao vento para dizer que apoia o país. Se a “bandeira” criada fosse usada, provavelmente iria causar a interpretação de que se trata de um protesto, e não de uma manifestação patriótica (Citelli, 2002).

A Processo

Desde a fase de definição do tema até a estréia do vídeo deve ser planejada. Quanto mais detalhadamente organizado e planejado, maiores são as chances do trabalho alcançar os resultados esperados. O mais importante é lembrar que a criação de um vídeo não é apenas técnica, depende da imaginação, sensibilidade, lógica, raciocínio, intuição e pesquisa.

A tabela (1) resume o processo de realização de um vídeo. Os tópicos que devem ser preenchidos sempre que possível.

Tabela 1- Processo de Realização de um vídeo

Atividades Básicas	Atividades Complementares	Atividades Organizadas
Delimitação do Projeto Público Tema Objetivo	Busca de Documentação Fichas de	Previsão de necessidades Possibilidades e limitações
Sinopse Conteúdo Estrutura Tamanho		
Roteiro Literário Conteúdos Estrutura Desenvolvimento	Notas Observações Apontamentos	
Roteiro Técnico Orçamento		
		Plano de Realização
Realização		
Pós-realização Edição Sonorização	Roteiro Didático	

Fonte: Ferrés (1996).

I) Delimitação do projeto:

Definir público, tema e objetivos é o ponto de partida para a produção de um vídeo. Sem saber para quem está sendo feito o trabalho, sobre o que vai ser falado e o por quê, o

vídeo fica sem direcionamento. “Quem não sabe o que procura, desconhece o que encontra”, dito popular.

Escrever um breve texto sobre o assunto vai ajudar a nortear e delimitar melhor os *tópicos fundamentais*, e a organizar as pesquisas que deverão ser feitas. É a partir desta descrição que a equipe terá a primeira conversa para definir os próximos passos.

A busca por referências bibliográficas disponíveis sobre o tema também acontece no início do trabalho. Estudar o assunto é importante para começar a formar uma base de conhecimento sobre o que vai ser falado. O estudo não precisa ser profundo neste momento, mas deve ser indicativo, pois contribui para encontrar fontes.

Servem como referências: livros, textos, outros vídeos, informações visuais e sonoras. As fichas ajudam a organizar os assuntos tornando mais fácil a consulta e posterior seleção de conteúdo.

II) Sinopse (ou pré-roteiro):

Sinopse é a apresentação resumida do projeto de vídeo. Ela mostra de maneira geral a seleção do conteúdo, a estruturação básica e a definição do tratamento que será adotado. Este *tópico de orientação* é como uma síntese do roteiro literário.

Depois de ter escrito um texto para ajudar a definir os *tópicos fundamentais*, vem o pré-roteiro para definir as propostas de desenvolvimento e as indicações sobre o que se pretende abordar. É nesta etapa que as fichas de conteúdo serão úteis, pois vão ajudar no processo de *seleção do conteúdo*.

A *estrutura básica* são as linhas de desenvolvimento. A ordenação do conteúdo em função do público e dos objetivos. Esta é a organização inicial das idéias, o primeiro esboço sobre a seqüência dos dados, as imagens que podem ser usadas, os efeitos.

O *tratamento* vai definir a “cara” do programa a partir da estruturação básica. A escolha do gênero e do estilo do vídeo também depende do público e dos objetivos, e não apenas do tema. Gênero é referente ao trabalho jornalístico - reportagem, narração, testemunho, documentário. E estilo, a identificação com o telespectador. Pode ser pessoal ou distante, personalizado ou emocional, dramático ou humorístico, poético ou caricaturesco. É obrigatório ter justificativa sobre a escolha do tratamento.

Na sinopse que o autor, ou autores, usa toda sua criatividade, intuição, imaginação, fantasia. Mas, é imprescindível o uso das leis morfológicas da linguagem audiovisual, controle técnico, reflexão, conhecimento e inteligência. “Intuição e racionalidade devem se unir tanto nesta etapa como no processo como um todo”.

III) Previsão de necessidades (físicas e informativas):

A previsão das necessidades de pesquisa de conteúdo deve ser construída ao mesmo tempo em que a sinopse. Fazer um planejamento prévio do trabalho da equipe e o uso do equipamento ajuda a definir quantidades. Quantos profissionais devem ser envolvidos, quanto de material deve ser comprado, quanto tempo será gasto. As necessidades físicas e orçamentárias, devem ser previstas junto a construção do roteiro técnico.

Ter uma pessoa responsável em cada área do processo é o ideal, mas nem sempre é necessário. Um profissional pode acumular funções desde que não deixe de cumprir as tarefas que lhe forem destinadas. A produção de um vídeo é um trabalho em equipe e a falha de um dos integrantes pode prejudicar todo um plano de trabalho. A equipe de trabalho pode ser formada por roteiristas, repórteres, técnicos, maquiadores, figurinistas, intérpretes, atores, apresentadores, etc.

Não adianta ter uma boa equipe de trabalho se não houver material suficiente. É importante prever com muito cuidado tudo que implique em custo, por exemplo, tempo, equipamento e serviços. É prudente discutir a disponibilidade e necessidade de cada item.

A finalização do pré-roteiro está condicionada a estas possibilidades e limitações materiais, pois as pessoais podem ser manejadas.

Fazer uma lista de imagens que podem ser usadas no vídeo ajuda na criação e organização, mas deve haver o cuidado de não tornar o vídeo uma história sem valor

informativo, como um vídeo que apenas mostra conhecimento sem critérios de seleção sobre o que é conteúdo interessante de ser visto e o que não é.

IV) Roteiro Literário:

O roteiro literário é a transcrição escrita, detalhada e pormenorizada do desenvolvimento do vídeo. Neste roteiro consta todo conteúdo que será exposto no vídeo, desenvolvidos e estruturados de forma literal. Ainda que este seja um roteiro sobre o que vai ser “informado” convém que o autor pense também na concepção do audiovisual desde o primeiro instante. Os meios televisivos de informação, não se limitam a linguagem verbal. Ele utiliza a imagem visual e auditiva. Fotos, mapas, imagens em movimento, desenhos, gráficos, sons, músicas, conversas.

É nesta etapa que também se deve prever problemas relativos à duração do vídeo. O ritmo, os custos de produção e os recursos e efeitos são fatores que definem a dinâmica da apresentação. A dinâmica determina a sensação de duração. Se um vídeo é monótono ou fascinante. Efeitos de especiais, surpreendentes ou carregados de emotividade devem ser deixados para o fim. O nível de atenção do telespectador tende a baixar no decorrer do vídeo, por isto o ritmo deve alcançar o clímax no final da apresentação.

V) Roteiro Técnico:

O Roteiro técnico é a tradução ou decodificação do roteiro literário. É a transcrição das imagens e sons, tal como aparecem na TV e não como significam sensitivamente. Por exemplo, para falar que uma pessoa vai demonstrar uma boa surpresa ao ver uma casa o roteirista pode escrever: “Enquadramento a esquerda do rosto do ator ao ângulo de 45°. Ator: olhos arregalados e boca pouco aberta demonstrando intenção de sorrir. Luz de média intensidade direcionada ao olhos”.

Normalmente o roteiro técnico é estruturado em duas colunas paralelas. Uma para o que se vê e outra para o que se escuta.

Quanto ao “o que se vê”:

- ❑ Elementos: Atores, as posições deles em cena, a evolução das ações. Objetos, decoração, cenário e elementos ambientais, etc.
- ❑ Apresentação: Composição, enquadramento, planificação, angulação, possíveis movimentos de câmera, iluminação, etc.
- ❑ Elementos de pontuação, edição: Cortes, fade (surgimento ou desaparecimento da imagem), concatenamento, etc.

Quanto ao que se escuta:

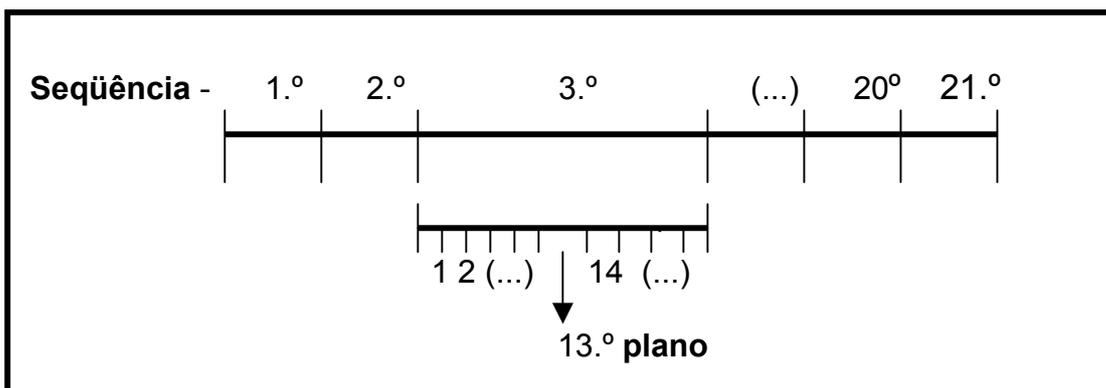
- ❑ Elementos: Locução, diálogos, música, efeitos sonoros, ruídos do ambiente, etc.
- ❑ Integração dos recursos, ou edição: Superposição sons, cortes, fade, etc.

O vídeo é dividido em seqüências de informações. Cada seqüência em cenas, e cada cena em tomada. Cada tomada é dividida em planos e cada plano um tem uma informação visual e sonora (Ferrés, 1996).

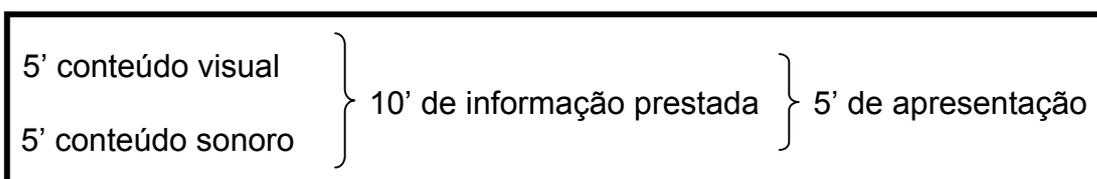
A identificação das seqüências e planos é feita pelo uso de grupos decimais. O primeiro é referente às seqüências, o segundo, aos planos. Por exemplo, 3.13. Seqüência 3, plano 13.

Na figura 1 esquematizada com base nas informações de Joan Ferrés, em Vídeo e Educação (1996), está esquematizado este conjunto de técnicas de captação de imagem. A reta representa o tempo total de apresentação (o vídeo). É contínua. As barras verticais indicam que o espaço entre uma e outra é a seqüência das imagens. Cada seqüência é subdividida até chegar a menor partícula, os planos, representados pelas barras verticais menores.

Figura 1 – Conjunto de elementos de um vídeo



Um aspecto importante que não deve ser esquecido é quanto o tempo do vídeo. O tempo de duração de um vídeo é diferente do tempo de informação prestada. O tempo de informação é sempre o dobro do tempo de duração. Isto acontece porque além da informação sonora existe a informação visual. Por exemplo, cinco minutos de imagens representa cinco minutos de conteúdo visual que é somado aos cinco minutos de conteúdo sonoro (a locução, música, som ambiente). O tempo total de apresentação continua sendo cinco minutos porque o conteúdo visual e o conteúdo sonoro são fundidos e recebidos ao mesmo tempo pelo telespectador. Mas o tempo total de informação prestada com o vídeo é o dobro, dez minutos, neste exemplo.



Não considerar esta duplicação do tempo total de apresentação pode induzir a redundância da informação. Por exemplo: mostrar uma banana e dizer banana no vídeo é falar a mesma coisa duas vezes. A mesma mensagem está sendo transmitida de duas formas diferentes, ao mesmo tempo para o mesmo receptor.

O roteiro técnico pode ser entregue em grandes volumes que agrupam os dados como se fosse em um caderno, ou pode ser montado em sistemas de fichas. Uma ficha para cada plano. Se o autor-roteirista esquematizar previamente todos os planos, seja por fichas ou por agrupamento, ele terá o perfeito controle sobre todos os elementos que configuram o enquadramento. É importante saber exatamente o que se pretende comunicar com cada imagem, efeito sonoro e a associação deles.

Assim, como num roteiro literário o ritmo determina a qualidade do trabalho. No roteiro técnico, saber exatamente o que cada elemento deve informar também é um fator que determina o resultado final da produção. Em TV tudo tem um motivo e tudo é resultado do trabalho em equipe, seja o de pessoas, ou do conjunto das informações.

VI) Plano de trabalho:

O plano de trabalho é condicionado ao sistema de gravação adotado. A gravação pode ser na ordem cronológica, seqüência, ordem em que apareça na tela, ou através da edição e montagem. Inicialmente capta-se todas as imagens e depois edita-se na seqüência de apresentação.

No plano de realização deve ser feito um inventário sobre o trabalho das equipes, o material necessário na produção, e a previsão de tempo. As atividades da equipe de gravação devem correr paralelo ao trabalho de outras equipes, como os desenhistas e os

artistas gráficos. Enquanto um grupo trabalha em gravações externas, outro está no estúdio, na criação da sonoplastia, etc.

Uma listagem dos elementos que vão ser usados nas gravações é importante para que nada falte na hora do “gravando!”. Saber quanto tempo deve durar a gravação de cada plano vai determinar o tempo total de gravação necessário. E agendar previamente os locais, datas, horários é uma medida básica de organização e dinâmica de trabalho que não pode ser ignorado. Em um plano de trabalho é sempre preferível exceder para mais do que para menos.

VII) Realização:

Realização é a conversão de tudo o que foi previamente planejado no papel em imagem e som. Esta é a etapa de registro, ou gravação. O profissional responsável por esta etapa é o realizador. Ele resolve problemas de ordem expressiva. É o especialista na linguagem da imagem. O realizador tem a função de tornar uma câmera em um instrumento mágico capaz de contemplar uma mesma realidade a partir de múltiplos pontos de vista.

As escolhas do realizador devem ter como referência duas dimensões: a didática e a audiovisual. A opção de uma ou outra determina se a informação a ser transmitida vai ampliar ou restringir o campo visual. Anulando ou acrescentado determinados valores de profundidade. A partir disto é determinado o enquadramento, duração dos planos, iluminação.

VIII) Produção posterior:

A pós-produção é a hora de colocar o ponto final. O momento do pagamento dos caches, de devolver tudo o que foi emprestado, de desarrumar os cenários e da edição de todo material produzido de acordo com o que está previsto no roteiro.

É na ilha de edição que o vídeo é colocado na ordem cronológica, que é posto no ritmo. É onde ele ganha começo, meio e fim. Na edição são feitas os efeitos de fade, fusão do som com a imagem, os cortes e montagens. Este é um processo demorado e que precisa de atenção, sensibilidade. Para que o trabalho na edição seja rápido e alcance os melhores resultados possíveis, é importante decupar as imagens antes de entrar na ilha de edição. Decupar significa selecionar os melhores planos, local da fita bruta⁴ onde está a imagem desejada, e o tempo que cada um deve ter de apresentação. Na ilha de edição, sala onde está o equipamento para montagem das cenas, esta organização economiza tempo e trabalho.

IX) Roteiro didático:

Roteiro didático é o relatório final. O arquivo de todas as coisas que foram abandonadas. As observações sobre os erros e acertos de cada etapa da produção. Este é um documento importante por mostra a evolução do trabalho, servindo de referência para os próximos.

Vídeo de Educação Ambiental da *Embrapa Florestas*

A Embrapa Florestas utiliza vários meios para difundir e transferir as tecnologias, serviços e produtos que desenvolve. Os vídeos são considerados importantes instrumentos neste processo, pois ampliam inúmeras vezes o raio de ação. O vídeo tem uma linguagem de fácil compreensão, possui uma didática objetiva, é fácil de ser apresentado em diferentes regiões e ainda tem um baixo custo financeiro para quem assiste.

Atualmente está sendo desenvolvida pela Embrapa Florestas a produção de um vídeo de Educação Ambiental, com o objetivo de conscientizar sobre a importância dos seis elementos, solo, ar, água, fauna, flora e humana na natureza. O vídeo pretende conscientizar sobre a

⁴ Fita onde estão todas as imagens por ordem de gravação.

importância da preservação dos seis elementos e a integração entre eles. Este vídeo será apresentado em feiras, palestras, atendimento a visitantes para informar o público leigo.

A pesquisa teórica e elaboração do roteiro narrativo está sendo realizado pela equipe de jornalismo da Embrapa Florestas. A produção prática será desenvolvida com a contratação de uma produtora de vídeo profissional e acompanhada pela equipe de jornalismo Embrapa Florestas.

A primeira etapa do processo consistiu em pesquisar informações em material teórico e elaborar a sinopse. Atualmente o roteiro narrativo está sendo revisado junto a equipe de jornalismo e o setor responsável pela educação ambiental na Embrapa Florestas, o PREA. Após a devidas correções uma reunião com a produtora de vídeo vai definir o roteiro técnico.

Os resultados da aplicação do processo sugerido neste trabalho serão apresentado após a finalização do vídeo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CITELLI, A. **Linguagem e Persuasão**. 15 ed. São Paulo: Ática, 2002.

FERRÉS, J. **Vídeo e Educação**. 2 ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

SODRÉ, Muniz. **Televisão e Psicanálise**. 2 ed. São Paulo: Ática, 2003.